Nem tudo é verdade, mas tudo é real.

PALAVRAS QUE NUNCA ~~*FALEI*~~

~~Um livro para quem sente em silêncio~~

por Carla Gonçalves

Indice

INTRODUÇÃO.....3

PARTE I: SEMENTES DA INFÂNCIA.....4

- A casa onde ninguém percebia.....5
- O som que faltava nos abraços.....7
- Quando crescer parecia a última saída.....8

PARTE II: JUVENTUDE COM ALMA VELHA.....10

- Estar rodeada, mas não ser vista.....11
- A amiga que virou refúgio.....12
- O batismo com gosto de silêncio.....13
- O que não chegou a existir, mas dói.....15
- Ciúmes — uma forma estranha de amar demais.....17

PARTE III: ENTRE O QUE SOU E O QUE OCULTO.....18

- Bem tudo o que parece, é.....19
- Presente, porém longe.....21
- Dor ensaiada.....23
- Quando o silêncio me veste.....25
- O peso de ser o que esperam.....27

Introdução

Nem tudo o que me doeu, gritou.

Nem tudo o que senti, virou conversa.

Este livro é feito de pedaços de alma, não de fatos. Algumas páginas são memórias disfarçadas, outras são só sentimentos esquecidos em mim.

Aqui, não há nomes. Não há explicações. Só palavras — daquelas que nunca falei... mas sempre carreguei.

Se te encontrares nestas linhas, talvez seja porque o silêncio também mora em ti.

Não esperes respostas. Espera apenas verdade — crua, às vezes bonita, às vezes feia. Mas real.

Porque às vezes, o que salva...

é finalmente dizer, nem que seja no papel,

o que nunca se disse em voz alta.

PARTE I: SEMENTES DA INFÂNCIA

Um convite ao leitor para caminhar por pensamentos que não pedem respostas, apenas empatia.

Um aviso: "Nem tudo é verdade, mas tudo é real."

Capítulo 1: A casa onde ninguém percebia

Uma casa aparentemente normal, com pessoas aparentemente normais.

Mas sabemos... as aparências enganam.

Já dizia certo filósofo: "quem vê cara, não vê coração."

E eu vi muita coisa. Com menos de doze anos.

Coisas que uma criança não devia ver.

Talvez estejas a imaginar exageros, talvez tragédias —

e sinceramente, não estás errado.

Eu, como criança, sentia-me feliz.

Achava que aquilo era o normal — o ambiente estranho, o silêncio constante, a forma fria como as coisas eram ditas, feitas, ignoradas.

Mas hoje, adulta, percebo com clareza: aquilo não era só disfuncional... era doente.

E não no sentido figurado.

Era uma casa com presença de monstros disfarçados de pessoas.

Onde o perigo usava roupa de progenitor,

e o medo morava bem ao lado da minha cama.

Ninguém protegia.

Ninguém dizia nada.

E nós — tão pequenas, tão vulneráveis —

éramos obrigadas a conviver com o inominável, com olhos inocentes e um instinto que já avisava: "há algo muito errado aqui."

Não se fala sobre isso com facilidade.

Porque dói. Porque suja. Porque destrói tudo o que a palavra “lar” deveria significar.

Mas esta página é um grito calado,

um sussurro da menina que eu fui —

e que sobreviveu...

mesmo quando o mundo à volta fazia de tudo para destruí-la.

Capítulo 2: O som que faltava nos abraços

Um ***A-B-R-A-Ç-O***.

Seis letras e um significado imenso — pelo menos para quem já teve.

Eu, sinceramente, não me incluía muito nesse grupo.

Dizem que um abraço vale mais que mil palavras.

Eu não posso confirmar. Não tive nenhum dos dois.

Ou, talvez, tive e não me lembro. O que, no fundo, dá no mesmo.

Às vezes pergunto-me se é mesmo normal não lembrar da infância.

Dizem que é a melhor fase da vida...

Mas eu só me lembro do que doeu.

Não sei se foi só tristeza. Algo em mim diz que não.

Mas o que ficou guardado foram os silêncios, os medos, a ausência de gestos que acolhem.

Nunca soube, de verdade, qual era o som de um abraço.

E muito menos o cheiro.

Sim, aparentemente abraços têm cheiro.

Mas os que me deram — se é que deram — não deixaram marca, nem perfume, nem memória.

Hoje, cada vez que vejo alguém se perder num abraço demorado, fecho os olhos.

Não por inveja.

Mas porque algo em mim ainda tenta imaginar como seria.

Capítulo 3: Quando crescer parecia a única saída

"Nem tudo o que parece, é" —

Autor Desconhecido

• • •

Crescer não era um sonho — era um resgate.

Enquanto outros desejavam permanecer crianças para sempre, eu ansiava fugir daquela infância que não fazia sentido para mim.

Desde cedo, descobri que o mundo não me protege só por ser pequena.

Eu percebia, sentia, mesmo sem saber revelar.

E isso doía, confusamente.

Havia dias em que me encontrava perdida dentro de mim mesma, com os olhos a buscar algo que ninguém via.

Então resolvi crescer.

Crescer para me tornar alguém com voz.

Crescer para que as pessoas me vissem.

Crescer para escapar do silêncio que me calava.

Fingia saber.

Fingia entender.

Fingia que aguentava.

E, aos poucos, acabei acreditando nos meus disfarces.

Hoje entendo que crescer me trouxe respostas — mas também me deu pesos que eu não perguntara.

A realidade é dura demais para quem encara de frente.

E eu encarei.

Crescer não me salvou — mas pelo menos ensinou-me a nadar onde antes eu afundava em silêncio.

PARTE II: JUVENTUDE COM ALMA VELHA

"O calendário chamava-me menina, mas a vida já me tratava como mulher, cansada."

Capítulo 4: Estar rodeada, mas não ser vista

Estou sempre lá.

Nos grupos, nas conversas, nas fotos — mas nunca realmente dentro de nada.

Faço parte, mas não pertenço.

Riem comigo, às vezes. Chamam-me, outras.

Mas raramente olham para além do que eu deixo mostrar.

Há uma solidão que não se explica.

Porque ninguém acredita que quem está rodeado pode sentir-se sozinho.

Mas eu sinto.

Como se a minha presença fosse transparente,

E o meu silêncio, barulho que ninguém ouve.

Tento gritar com gestos, com olhares, com sorrisos forçados.

Mas não adianta.

É como estar num palco com a cortina fechada —

Toda gente a aplaudir uma peça que nunca começa.

Com o tempo, aprendo a ser invisível com elegância.

A estar sem pesar. A ouvir sem esperar eco.

Mas dentro de mim, ainda mora uma menina que só quer ser vista.

Não por todos —

Mas por alguém que enxergue o que há para além da presença.

E talvez, no fundo, seja isso que mais dói:

Não a ausência dos outros,

Mas a *presença* que nunca me alcança.

Capítulo 5: A amiga que virou refúgio

Ela chegou sem avisar.

Sem prometer nada, sem grandes palavras.

Mas foi ficando — devagar, firme, de mansinho.

No início, achei que era só mais uma presença que logo se perderia entre muitas.

Mas não era.

Ela não me olhava como as outras pessoas olham.

Não me via só quando eu sorria.

Ela percebia os dias em que meu silêncio falava mais do que eu.

Com ela, não preciso forçar nada.

Posso rir alto ou calar fundo.

Posso existir sem precisar explicar o porquê da minha existência.

Ela não pergunta muito, mas entende tudo.

E, quando fala, parece que organiza as gavetas bagunçadas dentro de mim.

Tem dias que penso que talvez Deus me tenha emprestado um pedaço de colo em forma de pessoa.

E é nela que descanso quando o mundo pesa mais do que devia.

Não sei se amizade é sempre assim.

Mas a nossa não se explica — sente-se.

Ela não salvou a minha vida.

Mas segurou a minha alma num dia em que eu quase a deixei cair.

Capítulo 6: O batismo com gosto de silêncio

Dizem que o batismo é um novo começo.

Um recomeço. Uma entrega.

E foi.

Mas também foi silêncio.

Não o silêncio de quem não tem nada para dizer,

mas o de quem sente tudo, ao mesmo tempo.

Lembro-me de estar lá, com o coração aos tropeços.

Não pela dúvida — mas pela ausência.

Faltava qualquer coisa.

Não no acto, nem na fé.

Mas em volta. No olhar de quem devia estar.

No abraço que não veio.

No reconhecimento que não chegou.

Era como se eu tivesse feito algo enorme,

mas o mundo à minha volta estivesse distraído.

Sorriram, sim. Disseram que estavam felizes.

Mas havia uma distância nos gestos...

como se fosse mais um dia. Mais um evento. Mais uma formalidade.

E ali, naquela água, mergulhei muito mais do que o corpo.

Afundei feridas, perguntas, carências.

Saí limpa — por dentro e por fora.

Mas com um gosto agridoce na alma:

de ter feito o certo...

e mesmo assim continuar a desejar que tivessem percebido a importância.

Capítulo 7: O que não chegou a existir, mas dói.

Receber notícias de passamentos sempre foi parte da vida.

Triste, mas normal.

Até aquele dia.

Naquele dia, não foi só uma notícia.

Foi como se o chão desaparecesse.

Como se algo dentro de mim desabasse sem explicação.

Não era meu.

Mas doeu como se fosse.

Como se fosse eu.

Há lutos que ninguém vê.

Perdas que não deixam foto, nem nome, nem corpo —

mas doem como se fossem reais.

Porque são.

Nunca me despedi.

Nunca segurei.

Nunca vi.

Mas senti.

Senti como quem tem algo arrancado de dentro antes mesmo de conhecer.

Como quem ama o que nunca pôde abraçar.

Dizem que a dor passa.

Mas esta não passou.

Ela aprendeu a andar comigo, em silêncio.

Sem chamar atenção.

Sem dramatizar.

Só aparece de vez em quando,

quando ouço certas frases,

quando vejo certos olhos,

quando imagino o que poderia ter sido.

Não me perguntes quem foi.

Porque não sei.

Mas foi.

E é isso que me basta para sentir saudade.

Capítulo 8: Ciúmes — uma forma estranha de amar demais

Não é inveja.

Nunca foi.

É só um medo que aperta, uma ausência que ainda está presente.

Um querer estar onde já estou, mas parecer não bastar.

Ciúmes é essa coisa feia que vem de um sentimento bonito demais:

Amar tanto que o coração se confunde.

E começa a se sentir ameaçado por qualquer gesto que não seja só meu.

Às vezes, basta um olhar dado a outro,

Um tempo repartido,

Uma atenção que não me pertence —

E pronto.

Tudo desaba por dentro.

Fico calada, mas o peito fala alto.

Fico serena, mas por dentro estou a desarrumar o mundo.

Não é controle.

É medo de perder o que nem é meu por direito.

Mas é meu por sentimento.

E isso, às vezes, parece ser tudo — e também nada.

É difícil amar assim.

Mas mais difícil ainda é fingir que não se ama tanto.

PARTE III: ENTRE O QUE SOU E O QUE OCULTO

"Para tudo aquilo que vive em mim, mas

nem sempre deixo ver"

Capítulo 9: Nem tudo o que parece, é.

Às vezes, parecer bem era mais fácil do que explicar o caos.

Então, sorri.

Falei pouco.

Fiz piadas.

Fiz parecer leve.

Enquanto por dentro...

O peso me puxava para baixo.

E ninguém notava.

Aprendi cedo que as pessoas acreditam na versão que mais as conforta.

Se eu pareço forte, então sou.

Se eu não reclamo, é porque não dói.

Se eu continuo, é porque aguento.

Mas não era bem assim.

Nunca foi.

Nem sempre fui o que parecia.

Às vezes, nem eu sabia quem era.

Só sabia que não podia desmoronar.

Que não devia incomodar.

Que não podia ser mais uma ferida aberta no meio de tantas.

E assim, fui engolindo dias,

Calando verdades,

Vestindo sorrisos que não me serviam —

Só para caber.

Até que um dia me olhei no espelho e me perguntei:

Se ninguém sabe quem eu sou...

Será que eu ainda sei?

Capítulo 10: Presente, porém longe.

Estou ali.

Sentada.

Atenta.

Respondo.

Sorrio.

Mas não estou.

A minha presença aprendeu a sobreviver sozinha,

Mesmo quando a minha mente se afasta em silêncio.

É como se eu criasse uma versão de mim

Só para deixar no lugar.

Enquanto isso, o resto de mim vai embora,

Para um canto qualquer onde ninguém me chama,

Ninguém me exige,

Ninguém me vê.

Não é tristeza.

Nem preguiça.

É um tipo de cansaço mais fundo,

Que não se cura com sono nem com férias.

É o cansaço de ser.

De precisar estar inteira o tempo todo.

De nunca poder desligar.

Então, eu desligo.

Mas por dentro.

Só um bocadinho.

Só para aguentar *mais um dia.*

Capítulo 11: Dor ensaiada

Aprendi a sentir sem mostrar.

A doer por dentro,

sem deixar transbordar nos olhos.

A organizar os cacos antes que alguém repare.

Ensaiar a calma.

Ensaiar o riso.

Ensaiar a frase pronta que não levanta suspeitas:

"Está tudo bem."

Não é que eu minta.

É que às vezes proteger-se parece mais urgente do que ser compreendida.

E ninguém quer ser o peso na sala.

O motivo do incômodo.

A lágrima inesperada.

Então finjo.

Mas não com maldade.

Com prática.

Porque até a dor, quando muito vivida,

aprende a se comportar.

Fica quieta.

Educada.

Quase invisível.

Só aparece em momentos breves —

numa música que não devia tocar,

num cheiro que volta de repente,

num gesto simples que lembra tudo.

E nesses segundos, eu deixo.

Deixo doer.

Mas só um pouco.

Só o suficiente para não esquecer que ainda sinto.

Capítulo 12: Quando o silêncio me veste

Há momentos em que me dispo do mundo
e visto o silêncio como quem volta para casa.

É nesse espaço calado,
onde ninguém me olha,
que eu finalmente me encontro sem esforço.

Não preciso sorrir.
Nem parecer firme.
Nem medir as palavras.

Ali, sou só eu.
Com os meus pensamentos desalinhados,
as dores que escondi o dia inteiro,
e as perguntas que ninguém escuta — mas que não param de ecoar.

O silêncio me protege.
Ele não exige.
Não cobra.
Não se espanta com o que vê.

É estranho como, às vezes, é só na ausência do outro
que eu consigo ser inteira.

Porque quando ninguém está a ver,
é que eu deixo cair os disfarces.

E descubro que, mesmo em pedaços,

continuo aqui.

Inteira, de um jeito imperfeito.

Mas *meu.*

Capítulo 13: O peso de ser o que esperam.

Há dias em que não sou eu quem acorda.

É a versão que esperam de mim.

A que sabe responder.

A que não chora.

A que carrega tudo com força e elegância,

como se nada pesasse.

Mas pesa.

E muito.

Esperam que eu seja exemplo,

rocha,

apoio,

madura,

coerente.

Esperam que eu saiba, que eu aceite, que eu aguente.

E quase sempre, eu entrego.

Não porque posso —

mas porque não aprendi a dececionar.

Só que, aos poucos, vou esquecendo da que eu sou

quando não me exigem nada.

Aquela que só queria rir sem medir,

calar sem culpa,

ser sem ter que justificar.

O mais difícil não é o que o mundo espera de mim.
É o que eu deixei de ser para não desiludir.

E às vezes,
quando tudo silencia,
percebo que me perdi tentando ser tudo —
menos eu.

"Se me perguntares quem sou... lê-me outra vez.
Não há ponto final nas coisas que são sentidas em silêncio."

Este livro não é (só) sobre mim.

É sobre aquilo que tu também sentiste,

Mas nunca disseste.

Nunca escreveste.

Nunca deixaste sair em voz alta.

É sobre as memórias que não sabes se são reais,

Mas ainda doem.

Sobre os silêncios que aprendeste a vestir,

As perdas que ninguém viu,

Os vazios que aprendeste a enfeitar com sorrisos.

Se te reconheceste em alguma linha,

Então agora já não sou só eu.

Somos duas.

Ou três.

Ou muitas.

E talvez isso torne tudo um pouco mais leve.

Porque mesmo o que nunca foi dito

Continua a ser verdade.

E aqui, finalmente,

Foi ouvido.